

BEHAVIORISMO, HUMANISMO E COGNITIVISMO: IMPLICAÇÕES COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Orlando da Silva Neto (1); Urandy Alves de Melo (2)

1 Universidade Estadual da Paraíba, orlandosilva47@hotmail.com; 2 Universidade Estadual da Paraíba, urandyuepb@yahoo.com.br

RESUMO:

Esse artigo tem como objetivo discutir três vertentes da psicologia, fazendo um paralelo com a educação escolar e aprendizagem. Em primeira mão analisa duas grandes correntes epistemológica da psicologia que se ligam aos estudos mentais do ser humano, abarcando comportamento e inteligência humana, sendo elas o Humanismo e o Behaviorismo, e apresentar uma rasa discussão partindo do Cognitivismo e suas teorias. A pesquisa segue de cunho bibliográfico e se explica de forma qualitativa. O professor tem o dever de buscar, juntamente com seus alunos, construir o conhecimento, ao invés de tentar passar um conhecimento predefinido. Uma aprendizagem mecânica, por mais fácil que seja, é passageira. Com o tempo a ferrugem chega e corroe essa estrutura mecanizada.

Palavraa-chave: Psicologia, educação, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Um dos objetos de estudos do seres humanos que mais os deixam intrigados é o próprio ser humano. Pensamentos, ações e reações que a cada dia perpassa fronteiras, se moldam e adaptam-se ao “mundo de cada dia”. Considerando o dito, esse trabalho tem o objetivo de analisar duas das grandes correntes epistemológicas da psicologia surgidas no século XX, que embarca em estudos do comportamento e inteligência humana: o *Behaviorismo* e o *Humanismo*, trazendo suas implicações e contribuições para o campo educacional, e paresentar uma breve discussão sobre a perspectiva do cognitivismo e algumas de suas abordagens teóricas.

Iniciando-se com breves explicações sobre a psicologia para se situar na questão, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisas bibliográficas, sustentando-se e em obras desenvolvidas na área da psicologia e aprendizagem, tais como *Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos* (NUNES; SILVEIRA, 2009) e *Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem* (TAVARES et al, 2007), entre outros, e se insere no campo qualitativo. A psicologia foi e é de grande importância para estudos em que se refere à educação. Trouxe uma perspectiva que mostra a capacidade do ser humano, sendo que cada um tem autonomia de adquirir conhecimento por si mesmo.

1 PSICOLOGIA: A CIÊNCIA

Psicologia é a ciência que estuda as ações e reações dos humanos e animais, tendo em vista que toda operação realizada por esses seres vem de comandos iniciados em sua mente. Os primeiros estudos de psicologia tiveram-se início há muito tempo na Grécia antiga, porém só foi considerada uma ciência autônoma recentemente. Diante da necessidade de compreensão da mente humana, essa ciência se desenvolveu e se modelou de acordo com os aspectos históricos-culturais, abrindo espaço para teóricos, que com suas peculiaridades tentavam compreender e explicar fenômenos humanos.

Atentando que a psicologia é uma ciência bastante abrangente, os estudos dividiram-se em correntes nas quais cada uma apresenta teorias com aspectos distintos, nomeadamente, *Estruturalismo, Reflexologia, Behaviorismo, Psicanálise, Gestaltismo, Construtivismo e Humanismo*.

Dentre outros aspectos, a psicologia se ramifica levando em consideração a área do saber. Uma dessas ramificações, que é foco desse trabalho, está ligada à educação, a *Psicologia da Educação* e a *Psicopedagogia*, que

Centra-se nos aspectos psicológicos da educação, desde a infância a idade adulta. Conceitos como aprendizagem, escola, família e orientação escolar são alvo nesta área da psicologia. A psicopedagogia focaliza o seu estudo em questões de ordem escolar, isto é, no processo de ensino-aprendizagem e em conceitos como os currículos, os recursos educativos, os materiais escolares, entre outros. (TVARES et al, 2007 p. 18)

Visando por esse lado das doutrinas dessa ciência, as correntes anteriormente expostas podem-se ligar a essa ramificação trazendo, de formas diversas, variadas contribuições no campo educacional. Captando como exemplos de colaborações distintas no que se diz respeito a essa área, o Behaviorismo e o Humanismo apresentam estudos que reflete diretamente nesse contexto.

2 BEHAVIORISMO E APRENDIZAGEM

Foi no início do século XX que surge grandes estudos referentes ao comportamento por John Broadus Watson nos Estados Unidos. O Behaviorismo (palavra derivada do inglês behavior, que significa comportamento), ou comportamentalismo dispõe de uma pluralidade de teóricos a serem explorados, que estudam fenômenos psíquicos ligados ao comportamento dos seres, segundo Nunes e Silveira (2009).

Como pesquisador dessa corrente, Watson “definiu o comportamento como as modificações percebidas no organismo, ocorridas em virtude de estímulos” (NUNES; SILVEIRA, 2009, p. 32). Em decorrência disso, o comportamento se expressa através de reações com efeito de uma ação. Essas reações estavam ligadas a emoções associadas ao estímulo, como irritação, amor, medo, entre outros.

Refletindo sobre o comportamento, sabendo que é condicionado por um estímulo, o behaviorismo abarca em implicações que vai de encontro a ensinamentos. O psicólogo norte-americano Skinner apresentou estudos com um ângulo behaviorista, mas com particularidades a respeito da análise comportamental. Para ele, a ação (aprendizagem) se dá através de um condicionamento que se usa de um reforço, positivo ou negativo, estimulando a reação do ser.

Skinner defendeu sua teoria por meio de um experimento com rato. Em uma caixa, o pesquisador colocou um rato privado de comida. Na caixa havia uma alavanca que quando acionada abastecia comida para o rato. Logo, o rato associou que acionando a alavanca outras vezes teria mais comida.

Veja o esquema de forma simplificada:

Condicionamento/estado (desejo por comida) → Estímulo/reforço positivo (comida) → Reação (Voltar a acionar a alavanca)

Levando isso para o lado do ensino, o professor, ou o sistema, teria que condicionar e reforçar para constituir resultados, entendido assim, para muitos, como uma aprendizagem mecânica, já que fica clara a passividade do sujeito instruído.

3 HUMANISMO

O humanismo é o termo associado a um movimento no período do Renascimento onde ocorriam modificações em todas as esferas, sociais e culturais, também designado de Terceira Força da Psicologia, surgida na segunda metade do século XX.

Não diferente do behaviorismo, essa corrente da psicologia apresenta uma diversidade de pesquisadores, que também partiram para o campo educacional. Por outro lado, como oposto dos estudos comportamentais, o humanismo apresenta um sujeito “dotado de uma capacidade de crescimento constantes de atualização permanentes de sua potencialidade.” (NUNES; SILVEIRA, 2009, p.44).

Para Carl Rogers, grande pesquisador da área, o sujeito tem autonomia de construir mudanças em sua vida por meio de mecanismos de “auto-regulação”. Sendo assim, o indivíduo pode por si próprio ser tomado por um desejo, e se tornar capaz de realizar certas ações. Levando isso para o lado da educação, o professor teria o papel de “facilitador” dispondo para o aluno a liberdade de expressar seus pensamentos, e de auto-crescimento.

4 O COGNITIVISMO E ALGUMAS DE SUAS ABORDAGENS TEÓRICAS

Diante de evoluções da humanidade, procurando por um meio em que trouxesse facilidade quando se trata da educação, fizeram-se necessários estudos em torno dos estágios do conhecimento humano. O *processo cognitivo do ser humano* deve ser explorado para que novos sujeitos sejam guiados de forma válida para aprimorar tal competência.

Sendo uma corrente da psicologia, o cognitivismo ocupa-se do estudo dos processos que relacionam a mente com o conhecimento, refletindo, por exemplo, implicações de como o ser compreende e organiza informações. Em outras palavras, segundo Nunes e Silveira (2009), “por cognição entende-se o processo através do qual conhecemos e atribuímos significados à realidade. A partir de experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças.” Nesse modelo da psicologia, o conhecimento é operacional, sendo que um indivíduo, mediante uma situação repetida saberá com mais ou menos precisão o que fazer, ou o que pode ocorrer.

Como respostas ao behaviorismo que desconsidera a cognição, os psicólogos cognitivos, no que se diz respeito ao processo de aprendizagem nessa corrente, afirmam que o ser é tomado pela capacidade de se auto-avaliar, conhecer e reconhecer. O behaviorismo admite que existe um pensamento, porém denomina como comportamento. Assim, o cognitivismo é reconhecido como uma progressão da psicologia comportamentalista.

Dentre algumas abordagens teóricas, o pesquisador **Albert Bandura**¹ apresentou sua teoria, Aprendizagem Social, afirmando de que o ser humano tem a capacidade de auto-avaliação “para aprender e de uma resposta consciente sobre seu meio”, segundo Nunes e Silveira (2009). De acordo com Bandura, um dos meios que se dar a aprendizagem parte da observação de comportamento de outros sujeitos. Sendo assim, estaria diretamente ligado ao ambiente, afinal, bastaria vivenciar uma situação para imitá-la, ou aprendê-la.

Nessa teoria, tendo em vista reconhecer o processo cognitivo, quando se fala em “imitar”, não se leva o significado do termo “ao pé da letra”, mas de forma como um modelo

¹ Psicólogo cognitivista canadense, que baseou-se em métodos com perspectivas comportamentais.

a ser acompanhado. E tratando-se do ambiente escolar, é de grande importância que o professor seja flexível e engaje diferentes tipos de modelos em diversas situações, para que o desenvolvimento desse aluno seja efetivo para atender as exigências necessárias.

Mesmo com horizontes abertos através do poder do comportamento, Nunes e Silveira apontam que:

A teoria de Bandura diverge do behaviorismo, notadamente no entendimento de que os processos cognitivos estão mediando a associação entre o estímulo e a resposta do indivíduo. Em alguns casos, a expectativa do reforço por parte do sujeito passa a ser mais forte do que o próprio reforço em si. Por exemplo, o aluno que vai poder viajar com a turma do colégio caso passe por média se empenha mais para tirar boas notas por causa da expectativa, do desejo de viajar. A viagem em si (reforço) só virá depois. É a consequência, o aspecto emocional que vai mediar o comportamento do sujeito. (NUNES; SILVEIRA, 2009, P.69)

Outro que se opôs ao behaviorismo em sua fundamentação no cognitivismo foi o pesquisador **David Paul**², que, com interesse maior no aprendizado escolar, apontou que “é um processo de organização das informações e de interação dos conteúdos à estrutura cognitiva do aluno, podendo ser classificado o grau de significado da informação para o aprendiz em [...] Aprendizagem memorística e aprendizagem significativa.” (NUNES; SILVEIRA P.70)

Para Paul, a classificação da aprendizagem memorística se dá por um trabalho mental mecânico. Informações vindas de modo soltas, sem associação com outros dados armazenados na estrutura cognitiva. Já a significativa, seria quando a nova informação vem associada a noções contidas na estrutura cognitiva.

É notório que as duas classificações de aprendizagem habitam nosso espaço escolar, e por isso não deve ser entendido como um processo discordante. Vale ressaltar que tanto a memorística quanto a significativa possui um lugar no campo educacional, mas a significativa trabalha de forma mais efetiva, possibilitando maior êxito na compreensão dos estudos.

Partindo para outra base teórica, o psicólogo cognitivista **Jerome Bruner**³ aponta que, Segundo Nunes e Silveira (2009), “ a psicologia deveria se ocupar soa significados que os indivíduos produzem na cultura na qual estão inseridos e da ação desse significado no mundo”. Na sua teoria sobre a aprendizagem, o autor conduz que a aprendizagem está diretamente ligada com o meio. Tal qual Nunes e Silveira,

² Nascido em Nova York (1918), Paul, um dos psicólogos da corrente cognitivista, construiu sua base voltada para a aprendizagem escolar

³ Natural de Nova York, sendo um dos principais executor do movimento cognitivista, obteve grau de graduado na Universidade de Duke, e seu título de doutor em psicologia na Universidade de Harvard.

para o autor, a aprendizagem consiste no processo de elaboração de categorias por partes dos indivíduos, através das quais eles selecionam, organizam e transformam as informações obtidas na interação com o meio deste modo, o aluno constrói o conhecimento criando categorias ou modificando aquelas que já existem em sua estrutura cognitiva. (NUNES; SILVEIRA, 2009, P.75)

Levando em consideração o que foi exposto, a aprendizagem requer a efetividade do aluno, esse permitindo uma contextualização aos conteúdos no qual se quer aprender. Essa contextualização se daria pelo o meio, a cultura do conhecimento de mundo formado na estrutura cognitiva. O professor, por sua vez, atuaria em um papel de “facilitador” instigando o aluno, reportando-se com o grau cognitivo do aluno.

Com o mesmo grande interesse pelo processo de construção de conhecimento, **Jean Piaget**⁴, outro renomado estudioso psicólogo que contribuiu para com o cognitivismo, realizou estudos em laboratórios e desenhou um modo peculiar de análise dos processos cógicos (NUNES; SILVEIRA 2009).

Ele apontou que o processo de conhecimento se dá através da interação do sujeito com seu contexto social. Isso acontece pelo fato do sujeito passar por oportunidades onde o ambiente possibilita influências. Para ele, o ser humano busca constantemente por explicações com um intuito de conhecer ou reconhecer aquilo ao seu redor.

“Para Piaget o desenvolvimento do sujeito e dará no sentido de promover uma adaptação mais precisa da realidade.” (NUNES; SILVEIRA, 2009, p. 88) com isso, a maneira mais fácil de instruir seria levando a pensar de acordo com a realidade. Sempre fazendo um paralelo do objeto estudado com a vida real do aluno. O professor deve sempre fornecer para o discente a informação que consta a utilidade do que está sendo estudado.

Outro ponto importante é a questão colocada sobre o professor ativo, sendo um ser problematizador. O aluno tem um poder de autoconhecimento, e o professor deve instigar o aluno a buscar pelo próprio conhecimento. Ao ser provocado, o sujeito instruído é tomado por um desejo de buscar por si, e constitui um aprendizado produtivo:

“O papel ativo e criador do aluno em seu processo de aprendizagem e lógica empregada por ele para solucionar questões. Para a Psicologia Genética, o papel do professor deve ser de um agente ativo, cabendo a ele “mostrar ao aluno que seus esquemas assimiladores são insuficientes para atingir um equilíbrio permanente.”(PASCUAL, 1999 apud NUNES; SILVEIRA 2009, p.90)

⁴ Segundo Nunes e Silveira, na obra *Psicologia da aprendizagem: Processos, teorias e contextos*, “Jean Piaget (1896-1980) [...] Obteve grau de bacharel em Ciências Naturais em 1916 e doutorou-se em Filosofia dois anos depois.”

Vejam os o esquema desenvolvido abaixo:



Fica fácil perceber o que é defendido pela psicologia cognitivista, tratando-se da aprendizagem escolar. Parte, necessariamente de uma interação do meio com o aluno, e do aluno com o professor. O aluno possui um papel ativo, e implicará sempre uma resposta a qualquer situação, levando em consideração sua cultura, ou conhecimento prévio, para uma contextualização. Ele precisará apenas de um modelo disponível para seguir. O professor fomenta um o diálogo, oportunizando a interação. Traz consigo o papel de facilitador.

5 O COGNITIVISMO E FREUERSTEIN: Critérios de mediações (simplificados)

Nascido em 1921 na Romênia, Reuven Feuerstein redige sua tese de doutorado na área de psicologia se baseando em questões de em nenhuma circunstância poder imaginar limites quando se trata do desenvolvimento psicológico. Ele levanta sua fundamentação de maneira divergente das teorias que implicam sobre a “origem dos problemas nas condições e meios pelos quais vivem os indivíduos.

Neide Catarina Turra, em fragmentos sua tese de doutorado sobre exercício profissional e demandas da contemporaneidade, publicada na revista educare et educare, compactua que parra Feuerstein,

A Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM) é importante porque acontece, justamente, em interações sociais nas quais as pessoas produzem processos de aprendizagem que lhes possibilitam apropriar-se de conhecimentos e reelaborá-los, chegando a elevados patamares de entendimento. Simples exposição a estímulos ou experiências físicas e cognitivas com os objetos não proporcionaria aos sujeitos o mesmo nível de conhecimento. (TURRA, 2007, p. 299)

Para Feuerstein, a aprendizagem significativa se dar apenas quando ocorre a interação mediador/mediado, resultando em critérios de mediações propiciando o desenvolvimento cognitivo. Essa interação é persuadido por particularidades do meio em que vivem os sujeitos dessa esfera. Ele afirma que existem duas formas de aprendizagem humana. Uma seria essa interação do indivíduo com o meio, outra se daria pela presença efetiva de outro ser.

Para que haja efetividade para uma aprendizagem de mediana, ele afirma que necessita de um mediador para estimular outro sujeito (mediado), a fim de esse emitir uma resposta. Denominando Critérios de Mediação, Feuerstein aponta que a aprendizagem mediana requer três parâmetros: Intencionalidade/Reciprocidade; O Significado; e a Transcendência.

O primeiro, como o único critério indissociável, constitui a interação do mediador com o sujeito. Como a nomenclatura já indica, há uma troca mútua (reciprocidade). O mediador instiga o sujeito mediado, e se prepara para receber uma resposta em troca, absorvendo-a. O segundo, referindo-se ao valor, o mediador se envolve emocionalmente, comprovando a resposta do mediado. O último, remete ao princípio de uma norma universal que possa ser usada em momentos similares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo acerca do que já foi explanado, é impossível negar as contribuições, postas pela psicologia e suas correntes, no que se diz respeito com aprimoramentos a educação e aprendizagem. Diante das duas correntes psicológicas apresentadas, no ramo educacional as colaborações foram diversas para a escolha de um sistema que busca um real saber. E seguindo de forma radical o que foi explanado nesse estudo, pode-se estruturar os sistemas de aprendizagem das correntes aqui aprofundadas da seguinte maneira:



A educação é direito do humano, e a aprendizagem é a consequência. O professor tem o dever de buscar, juntamente com seus alunos, construir o conhecimento, ao invés de tentar passar o seu. Uma aprendizagem mecânica, por mais fácil que seja, é passageira. Com o tempo a ferrugem chega e corroe a estrutura. Quando o aluno é instigado a buscar por si próprio um saber, a aprendizagem se torna concentrada e transpassa o tempo. A auto-avaliação, a autonomia, o saber coletivo e a liberdade para expressar o que o mundo o ensinou, torna um sujeito completo e confiante no discurso. No que se diz respeito ao cognitivismo, percebe-se como uma evolução do behaviorismo, agora vendo o ser humano com capaz de criar seu próprio pensamento.

REFERÊNCIAS

NUNES, A. I. B. L; SILVEIRA, R. N. **Psicologia da aprendizagem:** processos, teorias e contextos. 2ªEd. Brasília. Liber livro. 2009.189

TAVARES, J; PEREIRA, A. S; GOMES, A. A; MONTEIROS, S. M; GOMES, A. **Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem.** Portugal. Porto Editora. 2007. 208. (Coleção nova Cidne)

TURRA, N. C. **Reuven Feuerstein:** experiência de aprendizagem mediada: um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural. Educare ete Educare. Vol 2 nº 4 jul./dez. 2007 p. 297-310